

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

INQUIETAÇÕES E PROPOSITURAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Atena
Editora
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Inquietações e Proposituras na Formação Docente

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
158	<p>Inquietações e proposituras na formação docente [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-381-1 DOI 10.22533/at.ed.811191106</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 370.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Não há Educação sem História. Não há História sem Memória Ciência, sem História e Memória. Quase sempre deforma. Vejo-me entre crianças, sentindo-me professor, num barracão de chão batido, coberto de palha, no fundo do quintal, de onde era minha casa, no meu sempre, no meu mundo, no meu tudo, Parintins... [...] Saibamos construir nossa história. Saibamos semear nas memórias Daqueles que estão Daqueles que ainda virão... O pouco que fazemos O pouco que pensamos. O pouco que sentimos. O pouco que vemos... Neste percurso Que falseia o espaço. Que falseia o tempo... Agora é a hora! Este é o momento! Que todos, avancemos! (Amarildo Menezes Gonzaga/2012). Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas! (Mário Quintana, 1951) O trecho extraído do poema “Das utopias”, de Mário Quintana, é um convite para mantermos viva a utopia, pois uma sociedade sem utopia é uma sociedade sem sonhos e esperanças. Entendemos que, para discutir essa questão, torna-se necessário, inicialmente, evidenciar a indiscutível importância do acervo de conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados na orientação ou reorientação do fazer pedagógico. No momento atual, constatamos um processo contínuo de fluxo e refluxo, um movimento incessante que caracteriza não apenas o mundo físico, mas também os domínios educacionais, psicológicos, sociais, políticos e culturais presentes no mundo. Sendo assim, urge um repensar sobre fenômenos educacionais, uma vez que o contexto teórico existente e disponível se apresenta insuficiente para responder aos problemas mais prementes ou solucioná-los. Nesse sentido, novos debates, novas ideias, novas articulações, novas buscas e novas reconstruções, fundadas em novas concepções, ou seja, novas formas de pensamento revelam a maneira de olharmos a realidade como um todo e não como uma única forma de entendermos o mundo circundante, ante a insatisfação com os modelos predominantes de explicação para as questões emergentes no âmbito educacional. Em contraposição a essa prática, Freire (1997: 21) defende que a educação compreende um espaço privilegiado para se problematizar os condicionamentos históricos, partindo do pressuposto de que “somos seres condicionados mas não determinados; ou ainda que, a história é tempo de possibilidade, (...) o futuro é problemático e não inexorável”. Sendo assim, não podemos mais conceber que, na orientação da formação dos profissionais da área educacional, haja uma predominância de tendências paradigmáticas da educação, que tenham por finalidade principal o domínio por parte do futuro profissional de conhecimentos fechados, acabados, transmitidos através de uma metodologia que exacerba a aula expositiva como técnica de ensino e considera a prova como ferramenta para aprovar ou reprovar o aluno. Essa prática revela, por um lado, a ineficiência do ensino e, por outro, o lado cruel da escola, que, muitas vezes, penaliza os excluídos socioculturalmente, estigmatizando-os e aprofundando a distância entre prática profissional e produção do conhecimento científico. Em síntese,

a formação do professor deve ser compreendida para além do simples treinamento em destrezas, na perspectiva de torná-lo sujeito do processo de (re) construção do saber. No artigo (IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR, as autoras Aparecida Silvério ROSA e Fernanda Telles MÁRQUES buscam analisar comparativamente os entendimentos de alunos e de professores de um curso superior acerca da questão da indisciplina em referido nível de ensino. No artigo A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Patrício Ceretta E Luiz Gilberto Kronbauer buscam tratar da importância da Ética na formação de professores, identificando espaços dedicados ao estudo de ética ao longo dos Cursos e refletindo sobre a incidência da Ética na prática docente. No artigo A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS, as autoras Magda Miranda de Assís Cruz e Magda Madalena Peruzin Tuma buscam trazer uma experiência do Ensino de História local realizada em uma escola pública, que, como campo do Estágio Curricular Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (2016). No artigo A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, busca tratar da política de institucionalização de polos de apoio presencial do sistema Universidade Aberta do Brasil. No artigo APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA, os autores Pâmela Bueno Costa e Samon Noyama buscam fazer uma provocação quanto a um tema legítimo da filosofia, que já foi motivo de especulação de filósofos na antiguidade grega e, com devido destaque, na filosofia europeia do final do século XVIII: a relação entre filosofia e literatura. No artigo AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES, as autoras Juliana Cristina Ribeiro da Silva e Patricia Helena Mirandola Garcia as autoras buscam apresentar o resultado de uma aula prática de Geografia, História, Biologia, Antropologia e Arqueologia do Mato Grosso do Sul realizada em um sítio arqueológico com figuras rupestres datadas de aproximadamente 3.000 anos. No artigo AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES, as autoras Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Elsbeth Léia Spode Becker buscam refletir o processo dinâmico e inquietador de se autotransformar pela docência é algo complexo e extremamente necessário à atuação docente em suas diversas práticas, sejam elas coletivas, sociais ou subjetivas. No artigo CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR, as autoras Elisabeth Mary de Carvalho Baptista e Iracilde Maria de Moura Fé Lima, buscam propor estratégias para serem aplicadas em sala de aula, nas disciplinas dessa área, buscando possibilitar o desenvolvimento da criatividade dos alunos, contribuindo para uma maior eficiência do processo ensino- aprendizagem na construção do conhecimento. No artigo EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA

MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE, os autores Sônia Pinto De Albuquerque Melo e Elza Ferreira Santos buscam discutir sobre a educação e a moralidade postas como instrumentos importantes à formação humana, a partir do discurso pedagógico da Modernidade, Contemporaneidade, Oitocentos e século XX.

No artigo ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS, a autora Ana Paula Guedes, busca analisar como se compreende o resgate das decisões políticas acerca do ensino de língua estrangeira no Paraná e no Brasil. No artigo ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO as autoras Paula Adriana Rodrigues e Stéfani Martins Fernandes buscam relatar a experiência e o olhar de uma professora da Instituição por meio da prática desenvolvida e uma das suas vivências numa das turmas de multi-idade com crianças de um ano e meio a cinco anos e onze meses. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA, os autores Eromi Izabel Hummel e Mara Silvia Spurio buscam apresentar a formação dos professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Secretaria Municipal de Educação de Londrina. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA, os autores Leni Hack e Robson Alex Ferreira buscam apresentar as reflexões sobre a formação de professores/as de Educação Física e as possibilidades de aproximação entre a Universidade e as Escolas parceiras no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. No artigo GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID, os autores Hitalo Cardoso Toledo, Jéssica Hernandes Vizu Silva, Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma, buscam relatar a experiência do pibidiano/professor de Educação Física no ensino do conteúdo ginástica para estudantes do ensino fundamental I. No artigo JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, as autoras Nakita Ani Guckert Marquez e Dalva Maria Alves Godoy buscam apresentar algumas reflexões acerca da importância dos jogos de consciência fonológica para o processo inicial de alfabetização. No artigo METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES, os autores Robinalva Ferreira, Marília Morosini, Pricila Kohls dos Santos, Luisa Cerdeira buscam analisar os avanços e desafios na prática pedagógica docente e na aprendizagem de estudantes universitários após a utilização de Metodologias Ativas (MAs), na percepção de professores. No artigo M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI) os autores Ernane Rosa Martins e Luís Manuel Borges Gouveia, buscam apresentar uma proposta de um modelo pedagógico direcionado para atividades de m-learning (mobile learning), fundamentado na teoria da Sala de Aula Invertida (SAI), denominado de ML- SAI. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO

PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO, os autores Itamara Peters, Eliana Merlin Deganutti de Barros, buscam investigar as práticas de letramento escolar realizadas no SAREH. No artigo OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, a autoras Analice dos Santos Lima e Luciene Maria Patriota buscam relatar, descrever e analisar, o estudo com o gênero História em Quadrinhos na sala de aula. No artigo POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL, a autora Susana Schneid Scherer, busca assinalar alguns reflexos das políticas educacionais em vigência sobre os docentes públicos escolares brasileiros. No artigo REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE, as autoras Rafaelle Sanches Cutrim e Denise Bessa Léda realizam um estudo em fase inicial sobre as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, a partir de uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão. No artigo SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS a autora Mônica Tessaro realiza um recorte de minha pesquisa de Mestrado, sendo que o objetivo geral foi investigar em que medida os processos educativos desenvolvidos na escola favorecem a estruturação do foreground dos jovens estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. No artigo TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES a autora Adriana dos Santos busca discutir sobre a utilização de TD no âmbito das práticas pedagógicas da disciplina de Educação Física Escolar. No artigo INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri buscam com este estudo identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares. No artigo: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO as autoras : Adriana Moreira de Souza Corrêa e Josefa Martins de Sousa constitui em uma pesquisa bibliográfica, com objetivo apresentar tecnologias de baixo custo que favorecem o trabalho do professor de Língua Portuguesa no ensino das pessoas com Paralisia Cerebral.

E no artigo: LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFSSIONALIZANTE os autores : Allan Charlles Mendes de Sousa, Marcos Bohrer, Cláudia Fátima Kuiawinski, Emilly Karine Ferreira e Gisele Canal Masier trata da apresentação de um projeto que propôs a construção de uma Litoteca - acervo catalogado de minerais e fragmentos de rochas - como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada no curso técnico de Agropecuária integrado ao ensino médio do Instituto Federal Catarinense Campus Videira.

Solange Aparecida de Souza

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES no ENSINO SUPERIOR	
Aparecida Silvério Rosa Fernanda Telles Márques	
DOI 10.22533/at.ed.8111911061	
CAPÍTULO 2	13
A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Patrício Ceretta Luiz Gilberto Kronbauer	
DOI 10.22533/at.ed.8111911062	
CAPÍTULO 3	21
A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS	
Magda Miranda de Assis Cruz Magda Madalena Peruzin Tuma	
DOI 10.22533/at.ed.8111911063	
CAPÍTULO 4	32
A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL	
Tânia Barbosa Martins	
DOI 10.22533/at.ed.8111911064	
CAPÍTULO 5	45
APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA	
Pâmela Bueno Costa Samon Noyama	
DOI 10.22533/at.ed.8111911065	
CAPÍTULO 6	55
AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva Patricia Helena Mirandola Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.8111911066	
CAPÍTULO 7	67
AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES	
Natália Lampert Batista Tascieli Feltrin Elsbeth Léia Spode Becker	
DOI 10.22533/at.ed.8111911067	

CAPÍTULO 8	82
CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Iracilde Maria de Moura Fé Lima	
DOI 10.22533/at.ed.8111911068	
CAPÍTULO 9	96
EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE	
Sônia Pinto De Albuquerque Melo Elza Ferreira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8111911069	
CAPÍTULO 10	113
ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS	
Ana Paula Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.81119110610	
CAPÍTULO 11	121
ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO	
Paula Adriana Rodrigues Stéfani Martins Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.81119110611	
CAPÍTULO 12	131
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA	
Eromi Izabel Hummel Mara Silvia Spurio	
DOI 10.22533/at.ed.81119110612	
CAPÍTULO 13	144
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA	
Leni Hack Robson Alex Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.81119110613	
CAPÍTULO 14	153
GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID	
Hitalo Cardoso Toledo Jéssica Hernandez Vizu Silva Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma	
DOI 10.22533/at.ed.81119110614	
CAPÍTULO 15	159
JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Nakita Ani Guckert Marquez Dalva Maria Alves Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.81119110615	

CAPÍTULO 16	170
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES	
Robinalva Ferreira Marília Morosini Pricila Kohls dos Santos Luisa Cerdeira	
DOI 10.22533/at.ed.81119110616	
CAPÍTULO 17	184
M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI)	
Ernane Rosa Martins Luís Manuel Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.81119110617	
CAPÍTULO 18	193
O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO	
Éllen Patrícia Alves Castilho Darcísio Natal Muraro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110618	
CAPÍTULO 19	201
O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO	
Itamara Peters Eliana Merlin Deganutti de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.81119110619	
CAPÍTULO 20	215
OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Analice dos Santos Lima Luciene Maria Patriota	
DOI 10.22533/at.ed.81119110620	
CAPÍTULO 21	224
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL	
Susana Schneid Scherer	
DOI 10.22533/at.ed.81119110621	
CAPÍTULO 22	236
REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE	
Rafaelle Sanches Cutrim Denise Bessa Léda	
DOI 10.22533/at.ed.81119110622	

CAPÍTULO 23	250
SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS	
Mônica Tessaro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110623	
CAPÍTULO 24	264
TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES	
Adriana dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.81119110624	
CAPÍTULO 25	276
INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri	
DOI 10.22533/at.ed.81119110625	
CAPÍTULO 26	285
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO	
Adriana Moreira de Souza Corrêa	
Josefa Martins de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.81119110626	
CAPÍTULO 27	295
LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE	
Allan Charles Mendes de Sousa	
Marcos Bohrer	
Cláudia Fátima Kuiawinski	
Emilly Karine Ferreira	
Gisele Canal Masiero	
DOI 10.22533/at.ed.81119110627	
SOBRE A ORGANIZADORA	302

SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS

Mônica Tessaro

Universidade Comunitária da Região de Chapecó
(Unochapecó) - Programa de Pós-Graduação em
Educação

Este trabalho contou com financiamento da Fundação
de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa
Catarina (FAPESC)

RESUMO: Esse trabalho é um recorte de minha pesquisa de Mestrado, sendo que o objetivo geral foi investigar em que medida os processos educativos desenvolvidos na escola favorecem a estruturação do *foreground* dos jovens estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. O caminho metodológico para coleta de dados foi a pesquisa qualitativa, utilizando como ferramenta as técnicas do Grupo Focal, que permitiram aproximação efetiva com o fenômeno investigado. A análise dos dados ocorreu a partir da Análise Textual Discursiva, produzindo novas compreensões sobre fenômeno e discursos analisados. Os dados obtidos através dos discursos dos jovens indicam o desejo de vivenciarem experiências que ultrapassem as grades da escola. Esses resultados apontam que a arquitetura escolar precisa ser revista, para que favoreça a cultura do diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens.
Contemporaneidade. Processos Educativos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho coloca em tela a juventude e suas vivências na escola, relações essas que proponho discutir em um estudo ancorado em dois elementos fundamentais: o primeiro tem a ver com a origem, os costumes, o que lhe é familiar, ou seja, a bagagem cultural dos jovens; o segundo está associado às suas perspectivas futuras. Refiro-me aos conceitos de *background* e *foreground*. A tessitura se faz a partir das vivências dos jovens na escola.

Os processos educativos sempre foram alvos de discussões e pesquisas, principalmente a partir das transformações sofridas pela sociedade no decorrer do tempo, dentre elas destaco o desenvolvimento tecnológico e o aprimoramento do pensamento, o que têm causado desconfortos e questionamentos no contexto escolar. Compreendo os processos educativos como todas as atividades que a escola desenvolve com os alunos, todas as vivências que são possibilitadas ao público estudantil de forma a beneficiar a promoção do processo ensino aprendizagem, sem com isso considerar o aluno um mero expectador de conteúdos.

Vivenciando o sistema educacional contemporâneo, saturado de problemas e lacunas, ouvir o que os jovens têm a dizer sobre

processos educativos apresentou-se como uma nova forma de compreender e dialogar com ele. Através desta prática, surgiram diferentes reflexões que me permitiram múltiplas análises, sendo que, através do diálogo busco levantar alternativas para ampliar a valorização dos jovens no sistema educacional contemporâneo.

De acordo com os dados apurados pelo Censo Demográfico divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2013 o número de crianças e jovens de 0 a 24 anos corresponde a 40,6% da população brasileira. Sendo que a maior concentração dessa população está inserida nos anos iniciais do Ensino Fundamental, diminuindo potencialmente nos anos finais. A idade estipulada para os alunos do Ensino Fundamental é de 6 a 14 anos. No entanto, 54% dos jovens brasileiros que têm 15 anos de idade e 80,9% dos jovens que têm 19 anos de idade não concluíram o Ensino Fundamental (BRASIL, 2013).

Se considerarmos o número de alunos que mantêm seus nomes na lista de matrícula e não comparecem regularmente às aulas, tendo com a escola uma relação dolorosa, falha e, na maioria das vezes, frustrante, reconheço que o percentual de jovens que frequentam o Ensino Fundamental é ainda menor. Diante desse cenário, considero que boa parte desses jovens que não concluíram o Ensino Fundamental não o realizou em função de consequências internas e externas, sejam elas, motivadas pelo alto índice de repetência, pela fragilidade formativa dos docentes, pelas inadequações da estrutura física dos prédios escolares ou pelos currículos que destoam da realidade vivenciada pelos jovens.

A educação é considerada por muitos jovens como um meio para conseguir melhorar suas condições sociais. Ir à escola faz parte da educação formal, e é uma condição social seletiva, pois em muitos casos não frequentar a escola é estar condenado a subempregos. Em outros, ir à escola, mas não vivenciar os processos educativos, pode ser sinônimo de fracasso. Essas situações denunciam que a demanda dos jovens na escola toma múltiplas dimensões. Alguns abandonam os estudos por alguma razão, enquanto outros continuam estudando com sonho de alcançar melhores condições sociais e empregos mais valorizados (FRANCO; NOVAES, 2001).

É comum ouvirmos críticas e problematizações relacionadas à escola, como se esta fosse responsável por todas as mazelas sociais, porém, um antagonismo se instala, pois ao mesmo tempo em que se considera a educação a chave para o sucesso, se marginaliza a escola ou a limita como sendo a porta de entrada para o mercado de trabalho.

Ao optar saber mais sobre os processos educativos através do olhar dos jovens, compreendo,

[...] seu lugar na produção do conhecimento, a ambiência escolar, as relações sociais que se dão entre os vários membros da comunidade escolar, entrelaçando expectativas dos jovens sobre suas vidas e como a escola é ou não parte dela e se eles e elas consideram o que a instituição poderia vir a ser e de que maneira (ABRAMOVAY; CASTRO; WASELFSZ, 2015, p. 16).

Proponho assim, uma mudança no eixo das análises, passando da instituição escolar aos jovens que a frequentam, levando em consideração que a escola precisa ser repensada para responder às demandas juvenis, uma vez que há o esgotamento do modelo tradicional (BAUMAN, 2001). O velho ditado popular que “para ser alguém na vida tem que estudar” já não faz mais sentido, ou seja, na modernidade líquida, não se pode afirmar nada, tudo é instável e transitório. Por isso para compreender a relação que os jovens estabelecem com a escola é preciso ir além dos muros escolares, precisamos compreender o *background* deles para chegarmos à estruturação de seus *foregrounds*.

A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA: UM OLHAR DA SOCIOLOGIA DE BAUMAN

O mundo mudou, e com ele as pessoas que nele vivem. Talvez caberia aqui reformular essa frase, as pessoas mudaram e com elas o mundo sofre reconfigurações. Deparamo-nos diariamente com mudanças, basta dormir e acordar que vamos nos deparar com algum tipo de mudança, algumas que nos afetam diretamente, outras nem tanto. Diante deste cenário, emerge nossas formas de se comportar, e os jovens são os principais protagonistas dessas mudanças.

É possível afirmar, a partir das reflexões de Bauman (2005), que a juventude contemporânea foi se constituindo de diversas formas, sofrendo transformações constantes. Vivemos em uma era caracterizada pela liquidez, exatamente porque “[...] tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (BAUMAN, 2005, p. 17).

As características que marcam a juventude na modernidade líquida acabam por constituir certa rigidez a favor do consumismo e do processo de globalização. Resultam no engaiolamento dos sonhos dos jovens, ou seja, devido à cultura do capitalismo, os jovens conquistam seu espaço através do *ter* aprisionando o *ser*. A liberdade defendida pelos liberais é a mesma dada a um canário preso em sua gaiola, em que a fuga é sinônimo de morte ou pela fome ou pela violência.

Mas, afinal, o que é ser livre? Os jovens brasileiros têm liberdade? Para Silva (2009), o ser humano sob o *status* do capitalismo é tão livre quanto um cão de guarda – fica preso durante o dia e solto a noite, ou seja, o *status* de liberdade mantida pelo capitalismo não oferece alternativas de viver sem dinheiro, usufruir de direitos sem nada pagar, viver longe de influências midiáticas e partidárias. Sendo assim, a liberdade é produto do capitalismo e só existe para quem detém o capital. Para a grande maioria dos jovens brasileiros, a liberdade significa possibilidade de compra, de consumo. Portanto, liberdade é consumir o que se deseja.

Assim, a sociedade oportuniza ao sujeito experimentar uma falsa liberdade de escolha frente às inúmeras possibilidades que o futuro lhe reserva. Bauman (2009, p. 23)

define “sentir-se livre” como “[...] não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis”. Estar totalmente livre, de acordo como autor, é considerado uma utopia para o indivíduo contemporâneo.

A tão sonhada liberdade, vendida em forma de produto na modernidade líquida, assume a forma de uma liberdade forçada e inevitável. Aos jovens cabe a responsabilidade de autoconstrução de sua vida sem qualquer apelação, visto que são culpados pelos seus fracassos. A volatilidade identitária e a dificuldade de vislumbrar as perspectivas de futuro seguras e estáveis, seja a partir do trabalho, seja em outros aspectos da vida, tornam a liberdade “líquida”, na verdade, uma sutil e enganadora gaiola (BAUMAN, 2001).

Para permanecerem no jogo da sociabilidade, jovens exibem suas qualidades de forma rápida e competitiva, buscando atrair os holofotes para si, buscando elogios e reconhecimento, “[...] para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajados a colocar no mercado, promover e vender, são eles mesmos” (BAUMAN, 2008, p. 13).

Sob esse prisma, os jovens preocupam-se muito mais com o presente, deixando de lado ações que podem lançar-se para o futuro, pois a sociabilidade “não tem nenhuma direção, nem sabe onde está indo” (BAUMAN, 1997, p. 149). Diante desse cenário, cabe aos indivíduos acompanhar a característica do processo e manter em funcionamento sua engrenagem, pois se o futuro é agora um jogo incerto, deve-se aprender a jogar aleatoriamente, mesmo sendo contrariado pelos valores que foram construídos no período moderno.

Em consonância com as transgressões que ocorreram com a epistemologia dominante em relação à contemporaneidade, vivemos no presente um tempo ambíguo e transitório, difícil de entender e de percorrer. Estamos sofrendo o fenômeno da globalização, no qual as transformações ocorridas no cenário mundial aumentam o abismo já existente entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Aumentam-se as desigualdades sociais, o desemprego, a pobreza, a exclusão social (SANTOS, 2010). Ainda de acordo com Bauman (1999, p. 7):

A globalização está na ordem do dia, uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, globalização é o que devemos fazer se quisermos ser felizes, para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, globalização é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível, e também um processo que nos afeta a todos na mesma média e da mesma maneira.

Esse conceito parece explicar o sentimento que temos vivenciado na contemporaneidade. Na verdade, a reflexão sobre a globalização acontece sob a ótica da denúncia, o que Bauman (1999) denominou de “consequências humanas”; tais como: desemprego crescente, aumento da miséria com a perda da qualidade de

vida, concentração de riquezas nas mãos de poucos, dentre outras perversidades do sistema. Na sociedade contemporânea, marcada pelo dinamismo, em que paradigmas e valores são transformados a cada instante, criou-se a necessidade de uma educação alicerçada na prática, na experiência e em tudo o que realmente for útil para a vida dos indivíduos. Ao contrário do que tem sido feito, considerando-se as instituições de ensino que reproduzem o conhecimento, renunciando sua real utilidade para a vida dos alunos.

É possível verificar a partir dos ensaios de Bauman (2001) que na modernidade líquida há uma tendência dos jovens construírem relações inseguras e instáveis, consequências do individualismo gerado pelas relações de sociabilidade, e acrescenta: “[...] a ‘individualização’ consiste em transformar a ‘identidade’ humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização” (BAUMAN, 2001, p. 44).

A confiança, atributo da modernidade sólida, agora foi substituída pela ansiedade e incertezas do mundo das máscaras, os jovens livres para decidir suas escolhas se camuflam de acordo com os grupos específicos que fazem parte. A utilização de máscaras/camuflagem possui relação com o conceito de identidade, estando relacionada com a juventude hodierna (BAUMAN, 1997).

Mudar de identidade significa abrir mão dos antigos preceitos, caracteriza-se por uma escolha individual e privada, o jovem é o responsável por suas escolhas e, conseqüentemente, por suas conseqüências. Em vista da volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de “ir às compras” no supermercado das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejo, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade. Com essa capacidade, somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade (BAUMAN, 2001, p. 107).

Os jovens, nesse caso, se desejam vivenciar as diversas identidades que estão a sua disposição na prateleira dos supermercados, precisam se dispor a vestir uma roupagem para cada momento específico. É aqui que Bauman (2001) coloca em tela a questão da segurança; para ele, o jovem que vive no contexto da sociabilidade, utilizando-se das várias máscaras, pode sofrer sentimentos de insegurança, instabilidade e ambivalência existencial.

Os jovens estão submetidos diariamente a situações ambivalentes, pois têm ao alcance possibilidades tecnológicas quase que sem limites de comunicação com o mundo, porém, dificilmente conseguem dialogar com a pessoa que está ao seu lado. Fazer contato com o olhar, reconhecendo a proximidade física de outro ser humano, parece perda de tempo. Numa vida de contínuas emergências, as relações virtuais derrotam facilmente “a vida real”. Embora os principais estímulos para que os jovens estejam sempre em movimento provenham do mundo off-line, esses estímulos seriam

inúteis sem a capacidade dos equipamentos eletrônicos de multiplicar encontros entre indivíduos, tornando-os breves, superficiais e, sobretudo, descartáveis. As relações virtuais contam com teclas de “excluir” e “remover spams” que protegem contra as consequências inconvenientes (e principalmente consumidoras de tempo) da interação mais profunda (BAUMAN, 2011, p. 23).

Andando pelos escritos de Bauman (2011) é possível observar algumas reflexões que o autor faz direcionando para a juventude. Sob sua ótica, há um longo trajeto de intolerância entre as gerações dos adultos e a dos jovens, ocasionando um sentimento de insegurança bilateral. As diferenças de percepção já assumiram tantas facetas que, ao contrário do que se passava nos tempos pré-modernos, os jovens não são mais vistos pelas velhas gerações como “adultos em miniatura” ou “miniadultos”, como “seres ainda não plenamente maduros, mas fadados a amadurecer” (entendendo-se por “maduro” ser “igual a nós”) (BAUMAN, 2010, p. 20).

O que para determinada geração é “natural o modo pela qual as coisas são, o modo como as coisas são normalmente feitas”, para outra geração pode ser sinônimo de deformidade, provavelmente um quadro ilegal, falsificado, desagradável que exige correção. Os mais velhos sentem-se inseguros diante do cenário que a juventude vem construindo a partir da destruição dos sólidos. Os jovens veem a necessidade de corrigir os “erros” da modernidade sólida (BAUMAN, 2010, p. 20). Bauman faz questão de lembrar que a juventude contemporânea jamais enfrentou adversidades como longas crises econômicas nem presenciou multidões perdendo emprego. A juventude hodierna nasceu em um contexto no qual era protegida por serviços da comunidade, o autor utilizou a metáfora do guarda-chuva para explicar a proteção que os jovens recebiam “[...] à prova de água e de vento que lhes parecia sempre ao alcance da mão, para protegê-los contra as inclemências do tempo [...] um mundo em que cada manhã parecia prometer uma dia mais ensolarado que o anterior” (BAUMAN, 2010, p. 21).

Com relação ao trabalho, Bauman (2010) relata, ainda, que os jovens contemporâneos têm dificuldades em manter relações duradouras com seus empregadores, pois, diante da abundância de oferta que aparecem nos classificados de emprego, com infinitas oportunidades de prazer podendo ser multiplicadas, a última coisa que os jovens necessitam é de “um emprego com estabilidade eterna” (BAUMAN, 2010, p. 61). No decorrer de suas análises, o autor nos adverte que esse contexto pode ser ainda pior, através do “prolongado desemprego que diminui as oportunidades de vida das pessoas e obscurece suas perspectivas de futuro” (p.21).

SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS PELOS JOVENS AOS PROCESSOS EDUCATIVOS

Formalmente, a sala de aula é um espaço de convivência entre professores e alunos. Conviver em sala de aula é um processo marcado por encontros e desencontros, o que confirma as diferenças entre os sujeitos que se relacionam em seu interior como elo para a vivência, ou seja, conviver na diferença significa valorizar os costumes e a

bagagem cultural do outro. Para Novelli (1997, p. 45) “[...] o encontro ocorre entre os que ocupam posições distintas. Entender o outro exige o olhar desde a posição desde outro e daí o que se tem por reciprocidade”.

A sala de aula estabelece diferentes relações entre os jovens e os professores, entre os próprios jovens e entre os jovens e a escola. Essas relações despertam desejos, sonhos e anseios, mas também frustrações, que são construídos a partir do sentido que os jovens atribuem à escola, propiciando assim a estruturação de seus *foregrounds*. Dessa maneira, as unidades de sentido construídas a partir do que os jovens manifestaram sobre tal espaço oportunizaram o desenho desta categoria. Qualquer interação humana é um momento passível de estruturação ou reelaboração do *foreground*, e a sala de aula é um ambiente que propicia essa interação. Pretendo nesta categoria, chamar a atenção aos “gritos dos não ouvidos” que ecoam no espaço escolar.

A rotina da sala de aula

Quem estuda, ou quem já vivenciou essa fase, sabe o quanto, muitas vezes, a rotina da sala de aula é desgastante. A imagem de carteiras enfileiradas, quadros de giz ou lousa e um professor em pé ao centro da sala de aula ainda aparece na mente de muitos quando o assunto é estudar. Esse cenário foi criado há muitos anos, no entanto, vem sendo criticado, mas não modificado para atender as necessidades dos jovens contemporâneos.

O espaço da sala de aula é onde o conhecimento é trabalhado de maneira específica, daí a necessidade do professor e do jovem usufruírem destes momentos para o fortalecimento das relações interpessoais aliadas à diversificação de práticas docentes, de modo que não sejam reproduzidas sem interação, como acontecia no passado. Os processos educativos passaram por diversas mudanças e atualmente continuam sendo alvos de críticas e transformações. As críticas criaram novas possibilidades para que a escola pudesse refletir sua prática, cabe aqui refletir sobre como está ocorrendo a mediação dos processos educativos na escola. Como ocorre a utilização de métodos e recursos de ensino em sala de aula?

O que se constata é que, na concepção dos jovens investigados, os processos educativos vivenciados na escola não são diferentes das concepções do passado, os jovens denunciam a presença de práticas rotineiras na sala de aula, que pouco contribuem para a sua aprendizagem. Para Skovsmose (2008) o diálogo em uma aula tradicional ocorre em um padrão sanduíche. Esse padrão caracteriza-se pelas seguintes camadas: o professor questiona, o aluno responde e o professor o avalia, ou seja, a fala do aluno fica no meio das falas do professor, o que realça a autoridade do docente que está sempre pronto para dar as respostas certas. Essas constatações são explicitadas nas seguintes falas:

12 – Na matemática aprendemos só matemática. No português aprendemos só português, em história aprendemos só história.
17 – Em matemática só fizemos conta, é aquela rotina, o professor ensina e aplica prova, ensina e dá trabalho.

De acordo com Menárguez (2017) “80% do que se aprende nas aulas não serve para nada”, quem realiza essa afirmação é o físico Conrad Wolfram, apostando principalmente no fim dos cálculos realizados à mão. De acordo com Wolfram (apud MENÁRGUEZ, 2017) a insatisfação já atingiu uma grande parcela dos envolvidos com a escola, os estudantes consideram as matérias difíceis e desinteressantes, os professores sentem-se culpados com o baixo desempenho dos alunos e os governantes sabem da importância da educação para a economia, porém não sabem como renovar os currículos.

Desta forma, cabe aqui, compartilhar as ideias de Freire (2015, p. 83):

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem paciente-mente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

Isto posto, parece que a concepção bancária que tanto criticamos, ainda predomina nas salas de aulas. O ato de transmitir valores e conhecimento, de depositar ensinamentos concebendo os alunos como vasilhas reforça a concepção do homem como seres da adaptação e do ajustamento. O resultado desta prática é a extinção da criatividade e criticidade dos jovens (FREIRE, 2015).

O contexto da sala de aula pode ser considerado um laboratório da prática pedagógica e este deve ser transformado em um ambiente que proporcione a criatividade e a interação, elementos indispensáveis para todo e qualquer ser humano. Assim, Giroux (1997) referencia à importância dos processos educativos oportunizados na sala de aula para o desenvolvimento das habilidades dos jovens:

Trabalhar em sala de aula significa aprender a viver em agrupamentos. Aliado aos valores predominantes do sistema educacional, isso tem implicações profundas para a educação social estabelecidas nas escolas. Igualmente significativo é o fato de que as escolas são ambientes avaliadores, e o que o estudante aprende não é simplesmente como ser avaliado, mas como avaliar a si mesmo e também os outros (GIROUX, 1997, p. 65).

A sala de aula é ainda um local onde se lida com os mais diversificados acontecimentos de outros tempos e espaços, que fazem parte do *background* dos sujeitos. A interação entre os jovens dependerá da forma com que o professor irá mediar às situações, exercitando a escuta e a valorização de suas vivências, possibilitando assim o crescimento de todos os integrantes do grupo. Atuando como mediador dos diferentes níveis de conhecimento o professor terá condições para possibilitar o desenvolvimento de cidadãos críticos. Não posso deixar de destacar, que, embora essa seja uma prática possível, o professor precisa de tempo e espaço que lhe permita

preparar uma aula atrativa, tendo em vista a singularidade de cada escola e de cada jovem.

Na percepção dos jovens participantes deste estudo, alguns professores já realizam atividades em sala de aula que se aproximam de suas realidades:

33 – Na última aula a professora leu um texto, mas antes de ler ela fez a gente imaginar a história que iria nos contar, e quando ela começou a ler eu me senti a personagem do texto. Conseguimos compreender o texto e produzir ótimos trabalhos depois.

Neste vasto conjunto de contentamento e descontentamento, mesmo que as satisfações que se podem vivenciar nos processos educativos oferecidos em sala de aula serem imensas, ser professor é passar por situações desafiadoras o tempo todo, tornando sua missão de mediador do conhecimento quase impossível, pois, para que haja uma aprendizagem significativa, o aluno precisa relacionar o novo conhecimento com sua bagagem cultural, ou seja, com seu *background*.

Evidentemente, que o professor amparado aos seus materiais pedagógicos, adotando uma postura interacionista irá potencializar a aprendizagem significativa. Para Skovsmose (2012) aprender significativamente envolve a atribuição de significados e estes têm sempre componentes pessoais e culturais. À medida que a aprendizagem torna-se significativa provoca a reelaboração do *foreground*.

De acordo com Freire (2015) quando não ocorre a atribuição de significado, quando não ocorre à valorização das vivências do aluno a educação é considerada depositária. O novo conhecimento é depositado na mente do indivíduo como se este fosse uma vasilha vazia. Nesta situação o aluno não interage significativamente, não adquire significados e não reelabora seu *foreground*, como é o caso da seguinte afirmação:

126 – Quando tem uma aula diferente, com filme ou música, são os filmes e as músicas que os professores escolhem que não tem nada a ver conosco, são antigos não dá para entender nada, por isso não prestamos atenção.

Os jovens destacam a questão da relação do conteúdo em referência ao seu *background*, para que possam estabelecer pontes e assim contribuir para o enriquecimento dos processos de ensino e de aprendizagem (SANTOS; NASCIMENTO; MENEZES, 2012).

É primordial que os processos educativos discutam novos desafios, como nos coloca Freire (2015), para que possam contribuir com o ensino e o aprendizado dos jovens, pois, com a revolução tecnológica, a escola deixou de ser a única instância de educação formal, porém, não pode abrir mão de seu papel de proporcionar espaços de trocas de experiências. Esse cenário traz desafios à prática pedagógica

do professor em sala de aula, justamente porque essa precisa atender aos interesses contemporâneos dos jovens, que não são mais os mesmos de outrora.

Portanto, dentro dessa afirmação, as relações estabelecidas em sala de aula entre o professor e o jovem podem facilitar ou dificultar a aprendizagem, bem como as relações que os próprios jovens realizam a partir de suas vivências cotidianas, uma vez que, “o aprendizado dos conhecimentos escolares tem significados diferentes conforme a realidade do estudante” (BRASIL, 2002), por isso, destaca-se a importância dos professores abordarem conteúdos que se aproximam da realidade dos jovens, despertando assim, seus interesses, provocando-os na criatividade e criticidade facilitando o processo de aprendizagem.

Para Skovsmose (2008) o cenário da sala de aula pode ser suporte para uma atividade de investigação para um grupo de jovens, mas pode não representar a mesma condição para outro grupo. Ainda, a maioria dos professores prefere manter as formas tradicionais de trabalho, refutando aulas que demandam diálogo e reflexão.

Bauman (2013, p. 25) acredita que todos nós, homens, mulheres, crianças, jovens e adultos, estamos em condição revolucionária e o principal propósito da educação, era e continuará sendo, “a preparação dos jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar”. Mas para estarem preparados, os jovens necessitam de instrução, de conhecimento prático e aplicável, “[...] para ser prático, o ensino de qualidade precisa provocar e propagar a abertura, não a oclusão mental” (p. 25).

Os conteúdos e temas estudados

Os jovens recebem diariamente um “bombardeio” de informações e questionamentos sobre o futuro, e uma das necessidades que acabam atribuindo à escola é que esta promova atividades que lhes auxiliem nas decisões futuras, como nos relatam:

03 – Eu acho que devia ter alguma coisa que nos auxiliasse em nossas escolhas futuras, talvez um acompanhamento mais de perto.

Nesse sentido, parece correto afirmar que existe uma distância significativa entre os processos educativos ofertados pela escola e o desejo desses jovens. O que permite colocar que, muito embora a escola se mostre preocupada com o futuro dos jovens, essa realidade situa-se no plano empírico. É uma prática imediata que não considera o *background* dos jovens, e nem leva em consideração seus *foregrounds*.

É importante destacar ainda, frente as discussões que vem ocorrendo nas últimas décadas, sobre a importância de levar em consideração a vivência cultural dos jovens e de compreendê-los como sujeitos históricos, que na prática, oportunizando vez e voz ao jovem, verifiquei que na maioria das vezes, os processos educativos não

auxiliam a estruturação do *foreground* do jovem, pois foi possível perceber que os jovens demonstram preocupação em vincular suas vivências com os temas estudados na escola.

131 – Eu acho que todas as matérias deveriam estar relacionadas com questões sobre o futuro, para nos ajudar, tudo tinha que estar relacionando com o que a gente acessa fora daqui.

É oportuno destacar como os jovens desvinculam, em suas falas, a escola do mundo fora dela. A expressão “fora daqui” expressa essa divisão, como se no interior da sala de aula as coisas acontecessem de forma totalmente diferente do restante do mundo. Os jovens ainda enfatizaram a importância de relacionar os processos educativos ao futuro, como forma de preparação para uma vida adulta, ou para as escolhas profissionais.

O que se pode compreender é que a escola não está dando conta desses anseios, é possível então, fazer referência ao papel das grandes instituições na contemporaneidade e Bauman (2001) trabalha com a ideia de que tais instituições ainda ofereceram caminhos sólidos mesmo com a chegada dos tempos líquidos.

De acordo com Almeida, Gomes e Bracht (2016), Bauman relata que a escola foi estruturada para atender as expectativas de um mundo durável e pretendia, assim, permanecer e se instituir ancorada cada vez mais pela ordem e pela solidez. Assim, a escola era um dos espaços propícios para se chegar a uma vida mais digna e controlada. Os jovens entrevistados já começam a delegar para a escola a importância de favorecer espaços e conteúdos voltados à modernidade líquida, pois, aqui já começam a surgir alguns sinais desconforto nos jovens, quando o assunto é futuro.

45 – Claro que tem vários cursos que podem nos ajudar, mas a escola é onde passamos maior tempo, por isso eu acho muito bom aprender coisas que vamos usar fora da escola, dicas que podem auxiliar nas nossas escolhas.

Na contemporaneidade, de acordo com Bauman (2009), o conhecimento durável e uma memória sólida não apresentam utilidade diante das inúmeras possibilidades de conhecimento que se apresentam para os jovens. Outros espaços e outros artefatos culturais como a internet é um sinalizador de que é preciso dinamizar novas formas de interação, além, daquela única e legitimada de “transmissão de conteúdos”. Agora, são várias as instituições que estão dispostas a dar um conselho diferente e específico sobre determinado assunto.

No que tange essa afirmação é possível evidenciar que as aulas ainda possuem um formato conteudista e, além disso, parecem ter pouca relação com o dia a dia dos jovens, nesse sentido é importante destacar que a docência na contemporaneidade é

uma tarefa desafiadora, sendo que de acordo com Zanchet (2007, p. 122) o professor precisa questiona-se sobre:

Como motivar os alunos para as aprendizagens que extrapolam o aspecto pragmático do conteúdo? Em que medida consigo atender as expectativas de meus alunos? Como compatibilizá-las com as exigências legais? Como trabalhar com turmas heterogêneas e respeitar as diferenças? Que competências são necessárias para articular os fatos cotidianos com o conteúdo que trabalho? Devo continuar preocupado com o cumprimento do programa de ensino mesmo que os alunos não demonstrem prontidão para o mesmo? Como posso contribuir para propostas curriculares inovadoras?

Os conteúdos aprendidos na escola serão apropriados pelos jovens se despertarem neles certos ecos, é um deles é a questão do sentido, ou seja, os conteúdos precisam fazer sentido. Para Charlot (2001) a educação brasileira ainda não conseguiu garantir aos jovens condições favoráveis para aprendizagem significativa, e essa situação, acaba gerando desconfortos e tensões no contexto escolar, tudo se passa, como se o jovem rejeitasse a escola e o professor não conseguisse dar conta de explicar conteúdos significativos.

O descontentamento dos jovens a respeito dos saberes escolares, está muito mais relacionando ao modo como eles são trabalhados pelo professor do que pelos conteúdos em si, os jovens queixam-se pelas vezes que pedem uma segunda explicação e o professor não repete, queixam-se pelo formato das aulas serem sempre iguais, parecem que estão sendo confundidos com uma máquina copiadora.

Os jovens atribuem às aulas uma importância muito relativa quando o assunto é aquisição de saberes, existe uma espécie de paradigma a esse respeito:

78 – Temos que vencer o conteúdo, mas eu acho que o conteúdo deveria ser mais palpável, os professores poderiam achar uma forma de relacionar o conteúdo com a nossa vida, para que a gente pudesse ver significado naquilo que eles nos passam.

Destacam a importância da escola para serem alguém na vida, mas não destacam os conhecimentos escolares específicos, tanto é, que eles clamam por conteúdos que sejam relacionados às suas vivências para que pudessem atribuir sentido ao que estão aprendendo. Os jovens citam outras instituições que não a escola como forma para aprimorarem seus conhecimentos, assim os valores e aprendizagens a que eles se referem como importantes para ser alguém na vida, estão relacionados a uma educação que provavelmente não tem encontrado espaço na escola.

Por essas razões Charlot (2001) acredita que a educação pública brasileira, ainda não proporciona aos jovens condições mínimas para o desenvolvimento de uma relação significativa entre os saberes escolares e os saberes individuais. E para Skovsmose (2012), a escola encontra dificuldades em adicionar algo no *foregrounds* dos jovens, sem essas adições, o êxito na aprendizagem e o engajamento nos processos educativos ficam comprometidos

CONCLUSÕES

A educação é considerada por muitos jovens como um meio para conseguir melhorar suas condições sociais. Ir à escola faz parte da educação formal, e é uma condição social seletiva, pois em muitos casos não frequentar a escola é estar condenado a subempregos. Em outros, ir à escola, mas não vivenciar os processos educativos, pode ser sinônimo de fracasso. Essas situações denunciam que a demanda dos jovens na escola toma múltiplas dimensões. Alguns abandonam os estudos por alguma razão, enquanto outros continuam estudando com sonho de alcançar melhores condições sociais e empregos mais valorizados (FRANCO; NOVAES, 2001). Acredito que a escola mais do que nunca precisa se concretizar como coletivo, para que o jovem possa se identificar com seu contexto, através da promoção de espaços de escuta, promover reflexão e diálogo no coletivo da escola. Por isso para compreender a relação que os jovens estabelecem com a escola é preciso ir além dos muros escolares, precisamos compreender o *background* deles para chegarmos à estruturação de seus *foregrounds*.

Na definição dos jovens, a aula dos sonhos deveria proporcionar ambientes livres e acolhedores, que fosse capaz de possibilitar a interação com o entorno. Os jovens indicam o desejo de vivenciarem experiências que ultrapassem as grades da escola. Esses resultados apontam que a arquitetura escolar precisa ser revista, para que favoreça a cultura do diálogo. Essas questões apontam ainda que, pensar como as aulas poderiam ser significa também discutir a formação dos professores, o currículo e as formas de avaliação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; WAISELFISZ, Júlio Jacobo (Coord.). **Juventudes na escola, sentidos e buscas**: por que frequentam? Brasília-DF: Flacso – Brasil, OEI, MEC, 2015.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997

_____. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Identidade**: entrevista a Benetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

_____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

_____. **O velho mundo está morrendo, mas o novo ainda não nasceu**. Entrevista concedida a Héctor Pavón, Jornal Clarín, 18 de julho de 2009.

_____. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

_____. **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

_____. **Metodologia do censo demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 712 p. (Relatórios metodológicos, v. 41).

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FRANCO, Maria Laura Barbosa; NOVAES, Gláucia Torres Franco. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 167-183, mar. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MENÁRGUEZ, Ana Torres. **Conrad Wolfram: “80% do que se aprende nas aulas de matemática não serve para nada”**. 3 nov. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/economia/1509378342_617037.html>. Acesso em: 12 jan. 2018.

NOVELLI, Pedro Geraldo. A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Rubenize Maria dos; NASCIMENTO, Maria Aparecida; MENEZES, Jaileila de Araújo. Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, Colombia, v. 10, n. 1, p. 289-300, 2012.

SILVA, Agostinho da. **Citações e pensamentos de Agostinho da Silva**. Alfragide: Casa das Letras, 2009.

SKOVSMOSE, Ole. **Desafios da educação matemática crítica**. São Paulo: Papyrus, 2008.

_____. Students' foregrounds: Hope, despair, uncertainty. **Pythagoras**, v. 33, n. 2, 2012.

ZANCHET, Beatriz Maria Atrib. Prática pedagógica no ensino médio: o processo de construção da inovação na palavra dos professores. **Educação Unisinos**, Pelotas, v. 11, n. 2, , 2007.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-381-1

